

LYNN PICKNETT
e CLIVE PRINCE

**O UNIVERSO
PROIBIDO**

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
tiktok.com/@almadoslivros
twitter.com/almados_livros
linkedin.com/company/alma-dos-livros/

© 2023

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Copyright © Lynn Picknett e Clive Prince 2011, 2023
Publicado primeiramente no Reino Unido em língua inglesa em 2011
por Constable, uma chancela de Little, Brown Book Group.

Título: *O Universo Proibido*

Título original: *The Forbidden Universe*

Autores: Lynn Picknett e Clive Prince

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Sérgio Fernandes

Paginação: Ana Seromenho

Capa: Vera Braga / Alma dos Livros

Imagem de capa: Alchemical illustration in the 'Basilica Philosophica' section
of *Opus Medico-Chymicum*, page 273 . Johann Daniel Mylius, 1618.

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 521 217/23

1.^a edição: Outubro de 2023

Lynn Picknett e Clive Prince afirmaram os seus direitos
sob o Copyright, Designs and Patents Act 1988 para serem
identificados como os autores deste trabalho.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

ÍNDICE

Introdução.....	9
Capítulo Um – COPÉRNICO E O SEGUNDO DEUS	17
Capítulo Dois – O MESSIAS HERMÉTICO.....	51
Capítulo Três – GALILEU E A CIDADE DO SOL.....	83
Capítulo Quatro – A FALSA AURORA ROSACRUCIANISTA.....	107
Capítulo Cinco – SINAIS, SÍMBOLOS E SILÊNCIO.....	131
Capítulo Seis – ISAAC NEWTON E A IRMANDADE INVISÍVEL..	153
Capítulo Sete – O VERDADEIRO LEGADO DO EGITO.....	181
Capítulo Oito – LAMENTO POR HERMES	207
Capítulo Nove – O UNIVERSO PLANEADO.....	219
Capítulo Dez – TUDO É POEIRA DE ESTRELAS.....	247
Capítulo Onze – AS ROUPAS NOVAS DE DARWIN.....	267
Capítulo Doze – A MENTE IMPORTA	307
Capítulo Treze – FUGIR DO MUNDO PLANO.....	347
Apêndice – HERMES E O PRIMEIRO HEREGE.....	363
Notas e referências.....	369
Bibliografia selecionada	385
Agradecimentos.....	399

INTRODUÇÃO

Em setembro de 2010, o *Times* de Londres trazia como manchete principal «Hawking: Deus não criou o Universo», transmitindo uma sensação de finalidade, como se um homem – independentemente da sua distinção – tivesse finalmente respondido àquela que é provavelmente a maior pergunta de todos os tempos. Na verdade, para nós, o mais notável nisto foi que o principal jornal britânico achasse este tema digno de figurar na primeira página. Embora publicando excertos do seu mais recente livro, *O Grande Desígnio*, a prontidão com que o *Times* dedicou a Hawking não só a manchete mas também um extenso artigo e a maior parte da revista que o acompanhava mostra a que ponto se tornou grande o debate entre a religião e a ciência.

Uma voz anti-Deus ainda mais estridente é, claro, a de Richard Dawkins, o evolucionista britânico e ateu militante cuja obra *A Desilusão de Deus* (2006) polarizou a controvérsia e deu origem a uma enxurrada de livros a atacá-lo ou a transformá-lo num semideus por direito próprio. Levou até à bizarra visão dos grandes autocarros vermelhos de Londres a exibir cartazes que declaravam «Provavelmente Deus não existe. Agora, pare de se preocupar e aproveite a vida», rapidamente seguidos do apelo às armas do outro lado: «Existe certamente um deus. Por isso, junte-se ao Partido Cristão e aproveite a vida.» Ver estes autocarros a passar na capital daquele que é provavelmente o país mais secular do Ocidente foi uma visão deveras curiosa. A controvérsia tornou-se tão interessante, que chegou mesmo a integrar os números de alguns humoristas mais arrojados, como Eddie Izzard e Ricky Gervais, ambos clamorosa e exuberantemente ateus.

O debate não está, de todo, meramente limitado à crença pessoal ou ao interesse filosófico. A religião é agora também um tema quente para políticos e assistentes sociais, à medida que se expande o fosso entre a mentalidade secular e a religiosa. Parece que quase todos os dias os meios de comunicação trazem alguma manifestação desta tensão, da proibição francesa do uso da burca muçulmana ao fundamentalismo que alimenta a Guerra ao Terror.

Quando a discussão sobre a existência de Deus é enquadrada, como geralmente acontece, em termos de religião dogmática organizada, a escola de Dawkins parece ir muito à frente. Vendo-o a discutir com um fundamentalista cristão ou com um católico fervoroso, é difícil não concordar com ele. Porém, é quando estende o seu raciocínio a algo que toque no místico, no mágico ou no transcendente que os nossos caminhos se separam.

Existem vários grandes problemas na posição defendida por Dawkins e pelo seu ainda mais veemente colega ateu Christopher Hitchens, autor de *Deus não É Grande* (2007). O primeiro é que levar a defesa do racionalismo e da ciência à sua conclusão lógica implica o risco do cientismo – a ciência como ideologia em vez de como método objetivo para avaliar e melhorar o mundo natural. Isto criaria uma sociedade em que todos os aspetos da vida – não só a tecnologia, a medicina e por aí em diante – seriam avaliados e governados pela ciência. No entanto, como muito poucas pessoas têm tempo ou inclinação para se manter a par da ciência de vanguarda, teriam de aceitar as proclamações dos cientistas na base da confiança – ou da fé. O que é exatamente a forma como os sacerdotes subiram ao poder, alegando um conhecimento exclusivo das leis de Deus além do alcance da gente comum. Estaríamos de volta ao ponto de partida; os cientistas seriam os novos sacerdotes e o cientismo ter-se-ia tornado a nova religião.

Mais importante, parece-nos que uma rejeição generalizada de tudo quanto seja remotamente espiritual ou místico ignora, na realidade, uma grande parte do que é ser humano. A escola Dawkins/Hitchens falha em distinguir entre, por um lado, o *impulso* religioso que é inato

aos seres humanos e, por outro, os sistemas de autoridade e controle em que as religiões organizadas se transformaram.

O debate é quase sempre retratado com apenas duas alternativas, o ateísmo científico e a religião dogmática organizada. Porém, falta algo: o profundo sentido do «Outro» ou do transcendente – do que pode ser designado de místico ou mesmo mágico –, que sustenta as sensibilidades religiosas, mas não equivale a elas. E, como este livro espera demonstrar, isto não é de todo incompatível com uma visão verdadeiramente científica do mundo.

Nunca houve nenhuma cultura – das tribos das florestas tropicais às maiores civilizações, como Roma, o antigo Egito ou até o Ocidente moderno – que não tivesse partido de um entendimento do mundo baseado na crença de este ser ao mesmo tempo deliberado e significativo, resultante de um ordenamento sobrenatural das coisas. Está aqui por uma razão, com tudo o que nele existe. Esta forma de ver o mundo que nos rodeia não é aprendida, mas sim instintiva; sai naturalmente ao indivíduo. E este anseio pelo transcendente não está radicado nas religiões organizadas; elas e os seus sacerdotes podem explorar este impulso inato, mas não o criaram.

A nossa civilização é a primeira em que um número significativo de pessoas se tentou separar dessa cosmovisão. Porém, como Richard Dawkins lamenta, essa é uma luta lenta e difícil, precisamente porque esse pensamento é uma segunda natureza para a nossa espécie. É tão universal, tão tomado como certo, que parece estar enraizado em nós.

Com efeito, enquanto escrevíamos este livro, emergiram novas provas, na obra do psicólogo de desenvolvimento Bruce Hood, professor da Universidade de Bristol, que concluiu, no encontro de 2009 da Associação Britânica para o Avanço da Ciência, que «a superstição está incorporada», encontrando-se presente desde o início:

Os nossos estudos demonstram que as crianças têm uma forma natural e intuitiva de raciocinar que as leva a todo o tipo de crenças sobrenaturais sobre como o mundo funciona. Ao crescerem, cobrem-nas

com abordagens mais racionais, mas a tendência para as crenças sobrenaturais ilógicas permanece na forma de religião.¹

Hood demonstrou quão forte é essa integração. Por exemplo, o seu estudo de um grupo de fervorosos ateus revelou que até eles achavam a ideia de receber um transplante de um órgão de um assassino absolutamente abominável – uma reação completamente irracional. Outro investigador, o antropólogo americano Pascal Boyer, conclui o seguinte:

O pensamento religioso parece ser o caminho da menor resistência para os nossos sistemas cognitivos. Em contraste, a descrença resulta geralmente de uma ação deliberada e esforçada contra as nossas disposições cognitivas naturais.²

Hood e Boyer não se referem a sentimentos profundamente místicos e religiosos, mas sim a algo muito mais comum. No entanto, embora reconhecendo quão fundamental é o pensamento mágico para os seres humanos, não conseguem explicar a grande questão do *porquê* de assim ser.

De igual modo, a escola Dawkins presta pouca atenção a esta misteriosa propensão humana para uma crença no sobrenatural e no mágico. Como é a verdadeira antítese do pensamento científico racional, não lhe ligam nenhuma. No entanto, isso é evitar uma questão importante. Mesmo que *seja* tudo só superstição, não será certo que investigar um instinto tão básico de mente aberta – com uma mente verdadeiramente científica – revelaria algo importante sobre a humanidade? Se, como Dawkins insiste, Deus é uma ilusão, porque haveríamos nós de estar *programados* para ser tão iludidos?

Enquanto especialista na base genética do comportamento humano e animal, Dawkins tentou explicar a ubiquidade da religião como um subproduto de um atributo evolutivo útil, sugerindo que os seres humanos desenvolveram um instinto para obedecer às ordens dos mais velhos, porque, em pequenos, precisam de o fazer para permanecer

seguros num mundo perigoso. Estamos programados para acreditar no que nos é dito por aqueles a quem reconhecemos autoridade. Contudo, como este instinto permanece na idade adulta, continuamos suscetíveis às proclamações da autoridade e, assim, os sacerdotes tornam-se efetivamente os nossos pais substitutos, os nossos santos padres.³

Ainda que faça algum sentido, isto aborda dissimuladamente apenas um aspeto da religião: o porquê de as sociedades humanas desenvolverem quase sempre instituições religiosas e sacerdócios – a *exploração* do pensamento mágico, não a razão de este existir em primeiro lugar. O cenário de Dawkins também funcionaria bem sem religião – se as pessoas estão programadas para aceitar a autoridade, então reis e ditadores sair-se-iam igualmente bem, sem o apelo a um ser superior, mas invisível.

A ciência não deu ainda uma resposta à questão básica de porque estão os seres humanos programados para acreditar. E é de uma ironia extraordinária que um dos produtos deste pensamento mágico tenha sido a própria ciência. Como veremos, foi isto que motivou todos os grandes pioneiros da revolução científica.

Como os leitores dos nossos livros saberão, tudo o que é proibido atrai-nos instantaneamente. Assim, a descoberta de que existe uma ciência proibida era simplesmente demasiado tentadora para ser ignorada. O seu foco é um antigo sistema místico e cosmológico que sempre clamou pela nossa atenção, desde a nossa primeira investigação a Leonardo da Vinci e ao Sudário de Turim, e as nossas descobertas sobre a heresia que defende que João Batista é o verdadeiro Cristo, que exploramos em *O Segredo dos Templários* e *The Masks of Christ*. *The Secret History of Lucifer*, da Lynn, que explora caminhos proibidos para a iluminação mística e científica, tornou também claro o caminho para este livro.

Como esperamos demonstrar, a maior inspiração de luminares como Copérnico e Isaac Newton quase se perdeu ao longo dos séculos. Ainda que a explicação habitual para este declínio seja que os cientistas se tornaram simplesmente demasiado mecanicistas – Dawkins diria demasiado sofisticados e inteligentes – para pensar em termos

transcendentes, nós argumentamos que não foi assim, e que houve uma razão totalmente diferente para tal... Na verdade, esta venerável filosofia não só tem muito a revelar sobre as origens da ciência, como é também, argumentamos nós, cada vez mais relevante para os cientistas de hoje.

Esta extraordinária tradição encontra-se exposta numa coleção de textos que teve mais impacto na cultura ocidental do que qualquer outro livro exceto a Bíblia, e mais impacto no mundo moderno do que qualquer outra obra *incluindo* a Bíblia. Certamente que isso constitui, por si só, uma importante razão para se redescobrir estes segredos antigos. E a melhor parte é que eles não são meramente antigos, não são apenas uma curiosidade histórica – têm até algo importante a ensinar à ciência do século XXI.

E agora estamos encantados por a Alma dos Livros nos ter dado a oportunidade de atualizar este livro com nova e empolgante informação, levando a história ainda mais longe...

Lynn Picknett
Clive Prince
Londres, 2023

PARTE UM

AS RAÍZES OCULTAS
DA CIÊNCIA

COPÉRNICO E O SEGUNDO DEUS

Há três acontecimentos fundamentais que os historiadores da ciência citam como marcos na longa viagem da superstição à iluminação intelectual: a formulação da teoria heliocêntrica por Copérnico (1543), a perseguição da Igreja a Galileu por promover essa teoria como facto (1633) e a publicação dos *Principia Mathematica*, de Isaac Newton (1687), que definiam leis fundamentais da física, nomeadamente as do movimento e da gravidade. Como disse um eminente historiador da ciência: «A série de desenvolvimentos iniciada com Copérnico em 1543 e encerrada com Newton em 1687 pode ser designada de Revolução Científica.»¹ No entanto, estes grandes avanços não foram feitos por Copérnico, Galileu e Newton elevarem a pura razão acima da irracionalidade religiosa, mas sim por serem todos eles inspirados pela mesma filosofia assumidamente metafísica e orientada para a magia – uma que também excitou e motivou outras grandes mentes da época, incluindo o nosso próprio herói especial, Leonardo da Vinci.

Para os materialistas racionalistas de hoje, a desagradável realidade é que não só houve um pensamento mágico a borbulhar durante todo o Renascimento, como foi a magia a inspirar e a impulsionar toda a explosão de pensamento e conquista dessa era. De forma muito real, a magia fez o mundo moderno.

O acontecimento que é tido como o momento crítico, o início do separar das águas entre ciência e religião, é a formulação da teoria heliocêntrica, ou «do Sol como centro», do cosmos, que postulava que a Terra gira à volta do Sol e não, como se pensava, o contrário. Esta nova e radical ideia foi proposta por Nicolau Copérnico

(1473-1543), como se intitulava o cónego polaco Mikolaj Kopernik, à maneira dos estudiosos contemporâneos.

Até então, a astronomia e a sua gémea esotérica, a astrologia, baseavam-se tradicionalmente na crença de que a Terra estava no centro do universo. Tratava-se de uma suposição natural, visto que o Sol, a Lua e as estrelas parecem mover-se à nossa volta em ciclos regulares, enquanto o mundo onde nos encontramos parece estar estático. A única complicação deste sistema era suscitada pelo movimento dos cinco planetas visíveis a olho nu, que, apesar de demonstrarem um padrão, não pareciam girar simplesmente à volta da Terra. No século II d. C., o astrónomo e matemático greco-egípcio Cláudio Ptolomeu, conhecido também apenas como Ptolomeu, concebeu um modelo geocêntrico com um complexo sistema de ciclos e epiciclos para explicar os movimentos dos planetas. Era a única grande autoridade astronómica até Copérnico entrar em cena.

Estranhamente, para uma figura tão monumentalmente influente, sabe-se muito pouco sobre a pessoa de Copérnico, ainda que as linhas gerais da sua vida estejam bem documentadas. Nasceu em Torun, na Polónia, em 1473, filho de um mercador de cobre, daí o nome. O seu pai morreu quando ele era novo, deixando-o a criar a um tio, que era cónego. Após estudar direito canónico, prolongou a sua estada no estimulante ambiente da Itália renascentista formando-se em direito e medicina em Pádua, na República de Veneza. Artista e desenhador talentoso, a sua verdadeira paixão era a astronomia, à qual dedicava muito do seu tempo livre.

Ao tornar-se bispo, o tio de Copérnico conseguiu-lhe um emprego como administrador da igreja, ou cónego, na vila de Frombork. Viveu o resto da sua vida instalado numa torre – hoje conhecida como Torre de Copérnico – no átrio da catedral. Os seus restos mortais só foram encontrados no ano 2000, sob a mesma. Enquanto clérigo ordenado, Copérnico estava proibido de se casar, mas parece que pode não ter vivido totalmente em celibato, segundo rumores que o associavam à sua governanta. Isto não caiu bem junto das autoridades da Igreja.

Os seus deveres davam-lhe tempo de lazer suficiente para a sua paixão pela astronomia, a que se dedicava na sua torre. Como muitos astrónomos da época, Copérnico estava insatisfeito com os artifícios e correções necessárias para fazer funcionar o sistema de Ptolomeu, e por isso decidiu abordar o problema. Porém, ao contrário da vasta maioria, os resultados obtidos por Copérnico mudariam a astronomia para sempre.

Ele desenvolveu a sua nova e radical teoria na primeira década do século XVI, mas absteve-se de a tornar pública durante muitos anos, contentando-se antes com discussões académicas e com a redação de uma versão para circulação privada no início dos anos 1510. Só publicou o que designou de a sua «nova e maravilhosa hipótese», *Das Revoluções das Esferas Celestes (De Revolutionibus Orbium Coelestium)*, no final da sua vida – as últimas provas foram-lhe entregues no seu leito de morte em 1543. O popular autor científico Paul Davies diz que este livro «talvez seja o nascimento da própria ciência».²

Ao contrário da crença comum, Copérnico não adiou a publicação até a morte o deixar a salvo da ira do Vaticano. Só estava relutante em ir a público devido à controvérsia académica que a sua teoria iria gerar, e só aceitou escrever o seu livro sob pressão de colegas que estavam empolgados com ela. Até o papa Paulo III tinha ouvido entusiasticamente uma palestra sobre o tema dada pelo seu secretário, o estudioso alemão Johann Widmannstetter, dez anos antes da publicação de *Das Revoluções*. Um cardeal que assistiu à palestra, o arcebispo de Cápua, esteve entre os que exortaram Copérnico a escrever e publicar a sua teoria. Lá se vai a percepção atual da hostilidade da Igreja.

Das Revoluções apresentava três novas e controversas ideias: que a Terra se move pelo espaço, que gira em torno do seu eixo e, com os outros planetas, à volta do Sol. Copérnico apontava falhas ao velho sistema ptolemaico e expunha as observações que o levavam a propor um novo modelo do universo. Na trigésima primeira página, revela a sua revolucionária, e até chocante, tese na forma de um diagrama que mostra os planetas, na sua ordem correta, a circundar o Sol.

E, apenas quatro linhas abaixo do importantíssimo diagrama, faz uma afirmação extraordinária:

Assim [atendendo à posição central do Sol], não é insensato que tenha sido designado de lâmpada do universo, ou sua mente, ou seu soberano. [É] o Deus visível de Trismegisto...³

Copérnico associava assim o lugar físico do Sol no sistema solar a conceitos decididamente transcendentais: que aquele é a «mente» do universo ou a sede do poder que governa toda a criação, ou o «Deus visível de Trismegisto». E é nessas quatro palavras que reside a maior pista para entender a teoria de Copérnico, pois revelam um indício da *verdadeira* heresia que ia abalar o Vaticano até aos seus alicerces.

HOMEM, O MILAGRE

Para descobrir o porquê de a referência de Copérnico ter sido – e, em certos aspetos, continuar a ser – tão revolucionária, temos de recuar a outro documento seminal, publicado mais de meio século antes, que citava a mesma autoridade misteriosa.

Era ele um tratado que muitos denominaram de manifesto do Renascimento,⁴ visto que cristaliza e encarna o espírito e o propósito dessa nova era. Publicado em Roma em 1487, ficou conhecido como o *Discurso sobre a Dignidade do Homem (De Hominis Dignitate)*. Destinado a ser apresentado como uma palestra pública, mas nunca proferido, foi escrito aos vinte e quatro anos por Giovanni Pico della Mirandola (1463-94). Enquanto filho mais novo do regente da cidade-estado de Mirandola, no Norte de Itália, e príncipe de Concórdia, o nome de Pico era já conhecido. Ainda que a sua família pudesse não passar de uma nobreza de segunda, estava ligada pelo casamento a dinastias ilustres, como os Sforzas de Milão e os Estes de Ferrara. Pico tinha herdado influência, e tinha todo o gosto em a explorar.

Quando chegou a Roma vindo de Florença, após frequentar várias universidades, incluindo a de Paris, Pico levava consigo um conjunto de novecentas teses – declarações de várias tradições filosóficas, místicas e esotéricas – que, afirmava, eram mutuamente consistentes e conciliáveis. Disse que o demonstraria num debate público perante a elite intelectual de Roma. No entanto, como a maioria das suas fontes não era cristã, o seu pedido de um debate público foi recusado e a sua obra condenada. Estava em Roma, afinal.

Pico, porém, não seria assim tão fácil de descartar. Com uma coragem e uma temeridade incríveis (uma combinação que distingue muitos heróis do Renascimento), publicou uma *Apologia* – uma defesa, na verdade –, que incluía as suas novecentas teses e o que teria sido o seu discurso de abertura no debate, o *Discurso sobre a Dignidade do Homem*.

Tal como a sua escolha de título sugere, o ponto fundamental de Pico dizia respeito ao brilhantismo da humanidade e ao seu lugar privilegiado na criação. Para ele, a faculdade distintiva de um ser humano é o seu intelecto, a fome de conhecimento e a capacidade de a satisfazer.

Segundo a parábola de Pico, após ter criado o universo e o ter povoado com os seres angelicais do Céu e os animais da Terra, cada um com a sua natureza e função específica, Deus precisava ainda de uma criatura «para pensar no plano da sua grande obra». ⁵ Uma vez que todos os nichos do ecossistema cosmológico estavam já preenchidos, Deus decretou que o Homem devia «ter posse conjunta de qualquer natureza que tivesse sido dada a qualquer outra criatura». ⁶ Além disso, sendo de uma «natureza indeterminada» que não era «nem celestial nem terrena, nem mortal nem imortal», ⁷ o Homem podia escolher com o seu próprio livre-arbítrio os atributos de qualquer outro ser criado, terreno ou celeste. Só o Homem tem a flexibilidade de escolher o seu próprio caminho:

[...] Com a agudeza dos seus sentidos, a acuidade da sua razão e o brilhantismo da sua inteligência, [é] o intérprete da natureza, o ponto nodal entre a eternidade e o tempo. ⁸

Alinhar a humanidade com os anjos era fundamentalmente um anátema para a Igreja de Roma, para a qual a doutrina do pecado original significa que os seres humanos nascem física e espiritualmente maculados, só chegando ao Céu se se submeterem ao dogma da Igreja e às proclamações dos seus sacerdotes. E talvez nem mesmo então.

O histórico *Discurso* de Pico abre com um apelo a duas autoridades. A primeira é Abdala, *o Sarraceno*, o estudioso muçulmano do século IX Abd Allah ibn Qutayba, que declarou não haver nada mais maravilhoso no mundo do que o Homem. Pico prossegue com uma citação do mesmo misterioso sábio que Copérnico viria também a citar: «A célebre exclamação de Hermes Trismegisto, “Que grande milagre é o homem, Asclépio”, confirma esta opinião [de Abdala].»⁹

É fácil de ver porque se viu Pico em tão grandes dificuldades. Não era a melhor das ideias começar um debate com estudiosos da Cidade Santa apelando às autoridades de um sábio muçulmano e de outro decididamente não cristão, Hermes Trismegisto. Curiosamente, as suas teses davam também lugar de destaque à Cabala, o sistema místico judaico (que é muito diferente do culto moderno popularizado por Madonna).

A *Apologia* de Pico só piorou a situação. Sob pressão dos estudiosos romanos, o papa Inocência VIII rapidamente a baniu. A bem da autopreservação, Pico retratou-se das suas alegações, fugindo depois prudentemente para Paris, mas, como o braço do papa era longo, mesmo aí foi encarcerado. Contudo, como veremos, precisamente quando tudo parecia perdido, a sua sorte viria a inverter-se.

O *Discurso* de Pico é esclarecedor acerca do Renascimento por várias razões. Revela a característica determinante da época, uma drástica mudança de atitude acerca da humanidade: subitamente, o Homem tornou-se um ser prodigioso, com capacidades e possibilidades ilimitadas, em vez de uma criatura miserável assolada e condenada à nascença pelo pecado original. Salienta também o choque entre duas mentalidades: o novo espírito aberto, inquisitivo e eclético do Renascimento – nomeadamente a sua disponibilidade para levar a sério fontes de sabedoria exteriores ao domínio cristão –

e a velha atitude de vistas curtas e limitada pela Bíblia da Idade Média. A Igreja sempre desconfiara do aprender apenas por aprender, franzindo o sobrolho à inovação e ao desafio intelectual. O frenesim de interesse por novas formas de explorar o universo e o lugar da humanidade nele foi o resultado direto da libertação dos velhos grilhões. Efetivamente, o Renascimento representou uma grande escalada na autoconfiança coletiva.

Hoje em dia, «pensar por si próprio» implica muitas vezes uma rejeição da religião estabelecida e de todas as formas de «superstição»; no entanto, não era manifestamente esse o caso entre os intelectuais da Europa renascentista. A maioria das tradições de onde Pico extraiu as suas teses não eram obras estabelecidas da física ou da matemática, mas sim fontes metafísicas, místicas e o que hoje conhecemos como fontes ocultas. Acima de tudo, eram as obras de Hermes Trismegisto que moviam Pico com fervor.

Existiram muitas razões para o Renascimento ter acontecido quando aconteceu. Uma delas foi o interesse renovado nos eruditos e filósofos das antigas Grécia e Roma, especialmente Platão. Muitas obras da antiguidade tinham-se perdido para a Europa, sendo, porém, preservadas no Médio Oriente, de onde começaram a fluir aos poucos no final da Idade Média. Isto tornou-se uma enchente em 1453, quando Constantinopla, o último bastião do Império Bizantino (ele mesmo o último bastião do Império Romano), caiu nas mãos dos otomanos muçulmanos. Outro fator foi a expulsão dos judeus de Espanha em 1492, dispersando-se os seus estudiosos pelos centros intelectuais da Europa. As tradições do saber judaico tinham até então sido ignoradas na Europa cristã.

Além da esfera intelectual, fatores culturais, económicos e políticos tiveram também um papel na génese do Renascimento. O facto de o seu primeiro desabrochar ter ocorrido em Florença, por exemplo, esteve intimamente associado à riqueza da cidade, bem como ao seu governo republicano.

Um dos mais importantes fatores determinantes do Renascimento, contudo, foi a renovação do interesse pelo esotérico, mais especificamente

pela teoria e prática da magia. Dada a escala do seu impacto no Renascimento e o facto de não ser propriamente secreto (como é claramente demonstrado pelo *Discurso* de Pico), é espantoso que os historiadores tenham ignorado por completo a influência deste interesse renovado no período até à década de 1940, altura em que estudos começaram a revelar a sua influência sobre muitas das suas grandes figuras. Só sensivelmente no último meio século é que a importância crucial das filosofias esotéricas mágicas foi devidamente apreciada, na obra, por exemplo, de académicos como a historiadora britânica Frances A. Yates (1899-1981). Numa série de livros publicados nas décadas de 1960 e 1970, Yates demonstrou que o Renascimento foi maioritariamente motivado e impulsionado pela «filosofia oculta», uma mistura de sistemas mágicos e esotéricos dos séculos xv e xvi.

O termo «filosofia oculta» vem de uma das mais importantes exposições da época sobre os princípios da magia, *Três Livros de Filosofia Oculta (De Oculta Philosophia Libri Tres)*, de Heinrich Cornelius Agrippa, publicada em 1531-33. O termo latino *occultus* significava simplesmente escondido, obscurecido ou, por arrastamento, secreto, mas não necessariamente sobrenatural. O livro de Agrippa teria sido entendido, à data em que foi publicado, como sendo sobre «filosofia secreta».

A reputação da magia gozou de um grande reforço no Renascimento. De território exclusivo de indivíduos introvertidos, geralmente malcheirosos e assustadores, passou a ser quase dominante, e era amplamente discutida como um aspeto respeitável da filosofia e até da teologia. No seu *Discurso*, por exemplo, Pico della Mirandola argumenta que a magia é um caminho válido para o conhecimento, mas tem o cuidado de diferenciar entre a mais odiosa e infernal, que utiliza demónios, e a natural, que engloba a máxima realização da filosofia.¹⁰ Na explosão intelectual que foi o Renascimento, a magia chegou a ser considerada parte integrante de todos os aspetos do conhecimento humano.

Como Frances Yates demonstrou, a filosofia oculta do Renascimento baseava-se em três correntes de pensamento esotérico. Das três,

os acadêmicos modernos favorecem o que é hoje conhecido como neoplatonismo, uma filosofia e cosmologia desenvolvida no cadinho intelectual do porto marítimo egípcio de Alexandria nos séculos II e III d. C. O neoplatonismo misturava as ideias originais – já com oitocentos anos à época – do grande filósofo grego Platão com outros conceitos místicos gregos e egípcios. Uma segunda vertente era uma versão cristianizada da Cabala judaica, que Pico alinhou com a filosofia oculta, naquela que viria a ser considerada a sua maior inovação. Porém, a terceira vertente, e de longe a mais importante, era o hermetismo,¹¹ a filosofia atribuída ao lendário sábio honrado por Pico e Copérnico: Hermes Trismegisto, ou o «Três Vezes Grande Hermes». E foi esta vertente que moveu o mundo de um pântano de ignorância e autoaversão para os planaltos soalheiros do gênio intelectual.

O puro poder do hermetismo não pode ser sobrestimado. Na prática, criou o Renascimento, cuja essência poderia ser resumida através do adágio de Hermes, «*Magnum miraculum est homo*» (literalmente, «o homem é um grande milagre»). O hermetismo abraçou essa determinação fanática de descobrir, inventar e entender, e a avassaladora sensação de entusiasmo ante a perspectiva de possibilidades infinitas. Apoderou-se da imaginação não só de Copérnico mas também de luminares posteriores. Levou-os, de coração e mente, a ousar desafiar o velho pensamento e abarcar as ideias mais radicais e até subversivas – que mudaram o mundo para sempre. Os seus contributos para a ciência teriam sido simplesmente impossíveis sem o hermetismo. Sem Hermes Trismegisto, estes grandes pensadores nunca teriam materializado plenamente o seu gênio.

GUARDIÃO DE TODO O CONHECIMENTO

Hermes Trismegisto foi um lendário sábio e mestre egípcio cuja sabedoria foi corporizada numa coleção de livros conhecida como os textos herméticos. Ainda que, durante o Renascimento, Hermes Trismegisto fosse considerado como sendo o seu nome completo

– daí Copérnico chamar-lhe apenas «Trismegisto» –, «Três Vezes Grande» é um honorífico, pelo que o seu verdadeiro nome é apenas «Hermes». Dizia-se ser descendente do deus Hermes ou do seu equivalente romano, Mercúrio.

Na Idade Média, Hermes Trismegisto era uma figura verdadeiramente lendária, conhecida apenas por raros fragmentos dos seus supostos escritos e pelas referências a ele e à sua obra em textos antigos. Uma dessas referências veio de Clemente, bispo de Alexandria, que, por volta de 200 d. C., viu sacerdotisas e sacerdotes egípcios a desfilarem com os seus livros sagrados e observou que existiam quarenta e duas obras de Hermes (o que, segundo Douglas Adams, o autor de culto de comédias de ficção científica, é, no mínimo, um número sagrado para quem anda à boleia pela galáxia).

Embora subsistissem referências dispersas aos textos herméticos, todos os livros tinham desaparecido exceto um, pelo menos na Europa. No entanto, cópias manuscritas de muitos deles continuavam a circular em Bizâncio e, significativamente, nos centros do saber islâmico. A dada altura, foram reunidos dezoito tratados, que ficaram conhecidos como o *Corpus Hermeticum*. Desconhece-se quando, porquê e por quem foram eles selecionados, mas o *Corpus* foi finalizado no século XI, e Bizâncio parece ser o local lógico para a sua compilação.

Outra importante fonte sobre o hermetismo foi uma antologia de cerca de quarenta fragmentos, alguns do *Corpus Hermeticum*, mas outros de resto desconhecidos, compilada pelo estudioso macedónio pagão Estobeu por volta de 500 d. C. e incluindo um tratado completo, *A Virgem do Mundo* (*Korè Kosmou*). Outro texto hermético, a *Tábua Esmeralda*, pode ter apenas meia página, mas é difícil exagerar a sua importância. Contendo alegadamente as palavras do próprio Hermes Trismegisto, acreditava-se que as treze máximas alquímicas que nela constavam tinham sido originalmente gravadas numa tábua feita a partir da brilhante joia verde. Ninguém sabe ao certo se esta obra tem alguma ligação aos textos herméticos gregos, visto que provém de uma fonte árabe que entrou na Europa via Espanha no século XII,

mas teve uma influência enorme entre os alquimistas, ajudando a cimentar o estatuto de Hermes como mais do que apenas um sábio. Para aqueles cuja admiração roçava a adoração, era, no mínimo, um mestre semidivino.

O único livro hermético completo conhecido na Europa na Idade Média era o *Asclépio*, ou *O Mundo Perfeito*, uma tradução latina do século IV a partir de um original grego perdido, uma sessão de perguntas e respostas entre Hermes e o seu epónimo aluno. Asclépio era o deus grego da cura; o aluno no tratado é seu descendente, embora não fosse, ele mesmo, divino. Os nomes das personagens, incluindo Ámon e Tat (Tot), que também aparecem como testemunhas do debate, revelam a atitude hermética em relação à divindade e à humanidade em geral. Diz esta que, embora exista um deus, os seres humanos que atingem um certo nível de sabedoria se podem tornar, eles mesmos, divinos. Um exemplo disto é apresentado na forma do antepassado de Asclépio, originalmente um mortal que descobriu a medicina e que, apesar de estar morto e enterrado – o seu corpo mumificado jazia num templo especialmente construído para o efeito –, continuava a poder interceder pelos doentes. De igual modo, Hermes Trismegisto descreve-se como um descendente do deus Hermes, que continua a ajudar a humanidade.

Os textos herméticos são uma mistura, por um lado, de ensinamentos filosóficos e cosmológicos e, por outro, de astrologia, alquimia e magia. Ao longo dos séculos, e até hoje, foram feitas tentativas de separar os dois aspetos, com base na ideia de que a filosofia em si é sofisticada e coerente, enquanto a astrologia e a magia são consideradas primitivas e incoerentes. (Uma edição da década de 1920 limitou-se a apagar este material.) Há até quem considere a compilação do *Corpus Hermeticum* uma tentativa de purgar o cânone dos textos de inclinação mais mágica. De todos os textos herméticos conhecidos, os do *Corpus* são manifestamente os menos mágicos, mas até estes incluem alguns elementos arcanos – o que não é propriamente surpreendente, visto que a filosofia e a cosmologia são indivisíveis de uma visão oculta do mundo.